XII ANNO GUIMARÃES, 30 DE JULHO DE 1890 NUMERO 19

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...
AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesus
ID. 13. 14.

SUMMARIO: = Secção Religiosa: *O episcopado brazileiro; O Socialismo Antigo—A Politica de Aristoteles*, por ***.=Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.mo Bispo de Carthagena.*=Secção Critica: *Deus e os Pobres*, por Castro; *A responsabilidade criminal*, por F. F.; *Mermillod*, por Dom Antonio d'Almeida.=Secção Litteraria: *De noite; Poesia* por Mattos Ferreira.= Secção Illustrada.=Secção Necrologica, D. P. D. Ribeiro.=Retrospecto, por F.

Gravuras: *O rapto de Santo Ignacio.*

Aos nossos presados assignantes

Não nos cançamos, porque n'isso vae o progresso e augmento do nosso quinzenario, de pedir com instancia aos presados assignantes que estão em debito o pagamento de suas assignaturas. Ha-os que devem dois e tres annos! Bem sabemos que todos os retardatarios teem tenção de pagar; mas o que talvez esses assignantes remissos não saibam é que a demora no pagamento causa sérias difficuldades á empreza do «Progresso Catholico», que, tendo despezas certas e avultadas, não póde fazer face a ellas com o dinheiro em mãos dos snrs. assignantes.

Por estas razões, que são, a nosso ver, dignas de serem ponderadas e attendidas, esperamos merecer aos snrs. assignantes em divida a deferição ao nosso pedido, aliás justissimo.

SECÇÃO RELIGIOSA

O episcopado brazileiro

PASTORAL COLLECTIVA

do Episcopado brazileiro ao clero e aos fieis da Egreja do Brazil

(Continuação do n.º antecedente)

Possue a linguagem christã uma palavra, de creação exclusivamente sua, para designar esse trabalho interior de aperfeiçoamento moral que dispõe as almas para a sua glorificação nos explendores do céo, onde, na posse de seu Deus, ellas poderão exclamar com toda a força do sentimento: *Dilectus meus mihi et ego illi.* Chama-lhe *santificação.*

A santificação das almas! eis ahi a missão sublime que a Egreja recebeu de Jesus Christo, seu divino Fundador, e que, rompendo por mil difficuldades sempre renascentes, desempenha sem descanso, com amor e alegria, durante o perpassar da humanidade sobre a terra.

Em obediencia a esse divino mandato, a Egreja illumina as intelligencias projectando sobre ellas clarões das verdades eternas, de que é fiel e activa depositaria; ella nobilita os corações e rectifica as vontados traçando com imperturbavel segurança as normas da vida pratica e velando pela pureza dos costumes; ella despende com as almas as opulencias inapreciaveis da Redempção liberalmente enthesouradas nas suas mãos; ella assegura á humanidade, atravez dos seculos, até á definitiva consummação d'elles, a permanencia effectiva de todos esses beneficios, perpetuando desvelada o seu sacerdocio. Assim, de uma extremidade do mundo á outra, diz o eloquente dominicano Monsabré, «o real poder da Egreja apprehende cada um d'aquelles que ella iniciou á vida christã, para conduzil-os, com suave e misericordiosa firmeza, pelas sendas luminosas da verdade e do dever, até á bemaventurança eterna.»

Comprehende-se que, para exercer com efficacia o divino mandato que lhe foi commettido, não deve a Egreja ficar desarmada. Sociedade perfeita, recebeu de Jesus Christo a investidura do triplice poder sem o qual nenhuma sociedade civil, convenientemente constituida, póde attingir o fim que lhe é proprio,—o poder *legislativo*, o poder *judiciario* e o poder *penal.*

O Papa, em toda a Egreja, sem dependencia alguma, e os bispos sob a dependencia do Papa, nas suas respectivas dioceses, exercem esse triplice poder em ordem ao fim eterno a que deve a Egreja conduzir os seus membros; e cumpre não esquecel-o, no exercicio d'esse poder, que lhe foi divinamente conferido, ella não deve ao Estado a minima subordinação.

Se a Egreja, notai bem, ainda não cessa de reclamar dos poderes do seculo o reconhecimento de sua plena autonomia e a sua liberdade de acção no regimen das almas,—direitos que lhe não podem ser recusados sem a mais flagrante injustiça,—ella não cessa ao mesmo tempo de accentuar a distincção dos dous poderes e de proclamar a independencia da sociedade civil na orbita de suas attribuições temporaes.

Com effeito, é ella que, mandando *dar a Deus o que é de Deus*, insiste com toda a força de sua auctoridade para que *se não negue a Cesar o que é de Cesar* (1). Elle inculca a *toda alma, que esteja submissa aos poderes superiores, porque não ha poder que não venha de Deus; de modo que todo aquelle que resiste ao poder resiste á ordem de Deus* (2). Ella expressamente recommenda *a submissão, em nome de Deus a toda a creatura humana, quer ao rei como ao chefe, quer aos generaes como a delegados por elle.* (3)

Assim, pois, se a Egreja se mostra sempre extremamente zelosa de sua independencia nas cousas espirituaes, n'ella encontra tambem o Estado o mais estrenuo propugnador de sua autonomia e de seus direitos nas cousas temporaes.

Mas *independencia* não quer dizer *separação.*

E' mister que esta verdade fique bem comprehendida.

A sociedade religiosa e a sociedade civil, com serem perfeitamente independentes e distinctas entre si, têm entretanto um ponto de contacto; é a identidade dos subditos que ellas devem encaminhar para o fim proprio de cada uma.

(1) Matth. XXII. 21.
(2) Rom. XIII. 1.
(3) I Petr. I. 13.

De onde se segue que estas duas sociedades não são, não devem ser antagonistas.

Os cidadãos que constituem a sociedade civil são, com effeito, identicamente os mesmos fieis que fazem parte da sociedade religiosa, por outra, os membros do Estado são ao mesmo tempo os membros da Egreja. Aquelle os conduz á felicidade do tempo, esta á da eternidade.

Ora, tendo cada uma d'estas sociedades um poder supremo, um governo, instituições, leis, magistrados para a consecução de seu fim peculiar, e exercendo cada uma a sua acção dentro da esphera circumscripta pela sua natureza propria, segue-se que os membros de que ellas se compõem recebem o impulso de uma dupla virtude operativa, são regidos por um duplo principio ordenador, em uma palavra, estão sujeitos a uma dupla jurisdicção. Cidadão devem obediencia ás leis do Estado; fieis devem obediencia ás leis da Egreja.

Ora bem! exigir que o Estado legisle para os cidadãos, prescindindo do religioso respeito devido á auctoridade da Egreja, a que estão sujeitos os mesmos cidadãos; e, *vice-versa*, querer que a Egreja exerça a sua jurisdicção sobre os fieis sem olhar sequer para o Estado de que são igualmente subditos os mesmos fieis, é um systema este, aos olhos do senso commum e da mais vulgar equidade injusto em si e impossivel na pratica.

«Injusto, diz Monsabré, porque não leva em conta alguma a mais nobre necessidade das sociedades humanas, as quaes não podem ficar privadas de toda a expressão religiosa em sua vida nacional; injusto, porque expõe o Estado a paralysar o maior dos serviços publicos prestados pelo sacerdocio, applicando a este, em virtude do direito commum, leis que lhe tolhem as vocações e o desviam de sua missão, sacrificando assim os interesses religiosos dos cidadãos.

«Impossivel praticamente, porque não se póde conceber que a Egreja e o Estado governem soberanamente, no mesmo logar, os mesmos subditos, sem se pôrem de accôrdo, se quizerem evitar a lesão reciproca de seus direitos.»

Egregiamente o illustre dominicano. Admittamos que se dê uma antinomia qualquer entre as leis da Egreja e as leis do Estado, entre a ordenação ecclesiastica e a ordenação civil, que se seguirá d'ahi? Necessariamente, desordem, confusão, perturbação da paz social, inquietação das consciencias!... O caso não é impossivel nem raro; a historia está cheia d'estes lamentaveis conflictos entre os dous poderes, que accendem no seio de um povo uma das luctas mais temerosas—a lucta religiosa! Se quizessemos recordar exemplos, não precisariamos ir buscal-os fóra do nosso proprio paiz.

Actuado por duas leis antinomicas, a solicitar a um tempo as homenagens de sua obediencia, que ha-de, forçosamente, fazer o subdito, senão violar uma d'ellas com detrimento da outra? Vêde agora a consequencia: oppressão pungente da sua consciencia religiosa, se a lei violada fôr a da Egreja a que pertence; vindicta inexoravel da lei civil se esta fôr menosprezada. Em tão dolorosa contingencia, não ha para elle nem meio termo nem conciliação possivel: ou *apostasia* ou *perseguição*! Apostasia, se, para não incorrer no desagrado de Cesar, posterga os principios de sua fé religiosa; perseguição, se, como é de seu rigoroso dever, prefere antes obedecer a Deus que aos homens.

Está-se vendo, mette-se pelos olhos: não, não póde ser este o ideal que um estadista sensato, ainda que não partilhe as nossas crenças, deve querer para a sua patria! Fóra introduzir n'ella um elemento perpetuo de perturbação e discordia, que a todo o momento, é capaz de irromper e produzir longa serie de males incalculaveis.

Em nome, pois da ordem social, em nome da paz publica, em nome da concordia dos cidadãos, em nome dos direitos da consciencia, repellimos os catholicos a separação da Egreja do Estado; exigimos a *união* entre os dous poderes.

Sim, queremos a união, porque Deus a quer: *Quod Deus conjunxit, homo nom separet* (1). Mas, notai bem, não queremos, não podemos querer essa união de incorporação e de absorpção, como tem tentado realisal-a certo ferrenho regalismo — monarchico ou republicano—união detestavel, em que o regimen das almas constitue um ramo da administração publica com o seu ministerio de cultos preposto aos interesses religiosos.

Corram pelo ministerio do interior os negocios relativos á administração do paiz. Incumbam-se dos da justiça e agricultura os ministros encarregados d'estas pastas. Guarde illesos perante os outros povos a honra e os interesses da nação o ministerio dos estrangeiros. Cuidem da defeza d'ella os da marinha e da guerra. Presida ás suas finanças o da fazenda. Mas, ó magistrados! homens de Estado! o que pertence á religião deixai-o sob a exclusiva alçada dos pastores da Egreja!

Esta é a ordem.

Não queremos, não podemos querer essa união de aviltante subordinação que faz do Estado o arbitro supremo de todas as questões religiosas, e considera o sacerdocio, em toda a sua escala hierarchica, desde o minorista até o bispo;—até o Papa!—como subalternos de um ministro civil dos cultos e dependentes das decisões de sua secretaria.

Queremos, sim, a união, mas essa união que resulta do accôrdo e da harmonia, que é a unica compativel com o sagrado dos interesses confiados á nossa guarda, com o decoro e a honra do nosso sacerdocio, com a propria dignidade e os verdadeiros interesses do outro poder.

E' bello ouvir o Santo Padre Leão XIII celebrar com a sua grande auctoridade os beneficios sociaes que dimanam d'essa feliz harmonia entre a Egreja e o Estado!

Ouçamol-o com respeitosa attenção:

«Tempo houve, diz elle, em que a philosophia do Evangelho governava os estados. N'aquella época a influencia dos principios christãos e a sua divina virtude penetrára as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as classes e todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituida por Jesus Christo, solidamente estabelecida no grão de dignidade que lhe é devido, florescia por toda a parte, graças ao favor dos principes e á protecção legitima dos magistrados. Então o sacerdocio e o imperio estavam entre si ligados pela concordia e amigavel reciprocidade de bons officios. Assim organisada, deu a sociedade civil fructos superiores a toda a expectativa, cuja memoria subsiste e subsistirá, por isso que se acha consignada em innumeros documentos que nenhum artificio dos adversarios poderá destruir ou obscurecer.

«Se a Europa christã subjugou as nações barbaras e as fez passar da fereza para a mansidão, da superstição para a verdade, se repellia victoriosamente as invasões musulmanas; se manteve a supremacia da civilisação, e se, em tudo quanto faz honra á humanidade, mostrou-se por toda a parte guia e mestra; se gratificou os povos com a verdadeira liberdade sob as suas diversas fórmas; se fundou sapientissimamente uma multidão de obras para allivio de miserias, fóra de duvida é que de tudo isto é altamente devedora á Religião, por inspiração e com auxilio da qual ella emprehendeu e levou a cabo tão grandes cousas.

«Todos estes beneficios durariam ainda, se o accôrdo dos dous poderes houvesse perseverado, e bem se poderiam esperar outros ainda maiores, se a auctoridade, se o ensino, se as advertencias da Egreja houvessem encontra-

(1) Math. XIX. 6.

do docilidade mais fiel e constante. Porquanto deve-se ter por lei imprescriptivel o que escreveu Ivo de Chartres ao Papa Paschoal II: «*Quando o imperio e o sacerdocio vivem em boa harmonia, a Egreja é florescente e fecunda.* Mas quando a discordia se mette entre elles, não só as cousas pequenas não se augmentam, como ainda as grandes deperecem miseravelmente.» (1).

N'esses venturosos tempos de fé, dos quaes nos falla com tão justo encarecimento o grande Papa, raro não era vêr a chefes christãos appellando espontaneamente para essa união dos dous poderes, afim de se prestarem reciprocos auxilios no governo dos homens.

Via-se então um Edgardo da Inglaterra, cheio de brio, offerecer aos bispos, reunidos em concilio, o apoio de sua espada, fallando-lhes n'estas eloquentes palavras que o seculo XIX mal poderá entender:

«Entrai em competencia commigo, ó sacerdotes, rivalisemos de zelo nos caminhos do Senhor e nos preceitos de nosso Deus. Tempo é de nos insurgirmos contra aquelles que dissiparam a lei divina. Tenho nas mãos o gladio de Constantino, vós o de Pedro. Estreitemos as dextras; unamos gladio a gladio, e lancemos fóra dos arraiaes os leprosos, e assim se purifique o sanctuario do Senhor e n'elle ministrem os filhos de Levi.» (2)

Concluamos este primeiro ponto:

Em these, em principio não podem os catholicos admittir o divorcio do Estado com a Egreja. Como não o ha entre a razão e a fé, duas luzes emanadas do mesmo sol; entre a natureza e a graça, dous influxos do mesmo principio de vida, não o ha tambem, nem o póde haver, entre os dous poderes, em que transluz uma imagem ainda que diversa da mesma divina paternidade: *A quo omnis paternitas* (3). *Omnis potestas a Deo* (4).

«O' vós, pois, ministros da Egreja, e vós ministros do Estado, exclamaremos com Bossuet em seu sermão sobre a unidade, «porque vos desunis? A ordem de Deus é opposta á ordem de Deus? Oh! porque não comprehendeis que vossa acção é uma, que servir a Deus é servir ao Estado, e servir ao Estado é servir a Deus!»

Está, portanto, evidente, que o accôrdo mais perfeito deve ser o principio fundamental das relações entre os dous poderes, accôrdo baseado, sobretudo, no respeito dos mutuos direitos. Assim as duas sociedades se enlaçam sem confundir se, e a humanidade acha no seio d'ellas os meios adequados para perfazer seus gloriosos destinos.

(Continua).

(1) Encycl. *Immortale Dei.*

(2) *Æmulamini, ó Sacerdotes, æmulamini vias Domini et justitias. Dei nostri. Tempus insurgendi eos qui dissiparunt legem. Ego Constantini, vos Pœtri gladium habetis in manibus. Jungamus dexteras; gladium gladio copulemus, et ejiciantur extra castra leprosi, et purgetur sanctuarium Domini et ministrent in templo filii Levi.* (*Orat.* Edgar Regis anno 969. Harduin, Conc. Tom. VI col. 665. Vid. *Civilta Catholica*, ser. Tom. 2, pag. 146.

(3) Ephes. III. 15.

(4) Rom. XIII. 1.

O Socialismo Antigo

A Politica de Aristoteles

A *Politica* de Aristoteles divide-se em oito livros; n'ella examina o auctor successivamente os elementos da formação das sociedades, as qualidades que distinguem o bom cidadão, as differentes formas de governo, as causas das revoluções, e as bases sobre as quaes deve assentar toda a boa legislação.

Nada conhecemos tão original como os pareceres por meio dos quaes este escriptor talentoso tratou de justificar a escravidão como uma instituição de direito natural.

«E' a natureza ella mesma—diz elle (1)—quem creára a escravidão. Os animaes dividem-se em machos e femêas. O macho é mais perfeito, elle commanda. A femêa é menos acabada, ella obedece. Ora, ha na especie humana individuos tambem inferiores aos outros como o corpo é para a alma ou como a alimaria é para o homem; são estes seres proprios aos unicos trabalhos do corpo e que são incapazes de fazer nada mais perfeito. Estes individuos foram destinados pela natureza para a escravidão, porque não ha nada melhor para elles do que obedecer... Existe acaso portanto, em ultima analyse, uma mui grande differença entre o escravo e a alimaria? Seus serviços são semelhantes; é pelo corpo só que elles nos são uteis. Concluiremos pois d'estes *principios* que a natureza creou certos homens para a liberdade e outros para a escravidão; que é util e que é justo que o escravo obedeça.»

Depois de haver proclamado os extraordinarios principios sobre os quaes se firma todo o edificio da sua politica, Aristoteles examina sob o nome de *especulação* a theoria das riquezas, as quaes elle desejava fazer uma sciencia particular, e se proponha em chamar a *chrematistica.*

(1) *Politica*, liv. 1, cap. III.

Porque teria Aristoteles ligado aos seus esboços ousados de organisação social tudo o que concerne á sciencia das riquezas, se elle não tivesse considerado estas grandes questões como inseparaveis? E' para lastimar que elle não tivesse sido tão feliz na demonstração das primeiras, como elle se mostrou illustrado nas segundas!

* * *

Apenas Aristoteles acaba de expôr em que consiste os bens que chama naturaes, já o vemos no estudo dos que elle denomina artificiaes. «Todo o objecto de propriedade, diz elle (1), tem dois usos, ambos inherentes ao objecto, com uma destinação particular. Um é para o uso natural, outro é para o uso artificial. Portanto o uso natural d'umas botas é o servir para andar, o seu uso industrial é o ser um objecto de trafico.»

Não se crê lêr n'isto a definição do valor em uso e do valor em trafico, popularisados por Adam Smith, e tornados actualmente a base de todos os tratados d'Economia politica? Com a mesma verdade e clareza exposera elle as vantagens do dinheiro. Depois de haver rapidamente corrido sobre os differentes generos de commercio, Aristoteles explica muito bem como a necessidade fez inventar a moeda.

«Foi conveniente—accrescenta elle—dar e receber nas transacções uma materia util e d'uma circulação facil. Adoptou-se para este uso o ferro, a prata e outros metaes. Este primeiro signo de trafico não valeu no principio senão á rasão do volume e do peso: ao depois cunhou-se com um signal que lhe marcava o valor, afim de ser dispensado de qualquer outra verificação. Depois da adopção necessaria da moeda para as trocas, fez-se uma revolução no modo de especular: o trafico appareceu. E' possivel que elle fôsse na origem pouco complicado; logo se fizeram certas combinações habeis, afim de tirar das trocas o maior lucro possivel. D'aqui veio o costume de restringir a arte da especulação unicamente á moeda; pensou-se que a unica funcção do especulador era o ajuntar os metaes preciosos, porque o resultado definitivo de suas operações é de buscar o oiro e as riquezas. Todavia não seria acaso o dinheiro um bem imaginario? O seu valor está todo na lei. Onde está o que elle tem da natureza? Se a opinião que o admitte na circulação vem a mudar, onde está o seu preço real? que necessidade da vida acaso poderá elle alliviar? Ao lado d'um montão d'oiro, carecer-se hia dos

(1) Idem, liv. 1.º cap. VI.

mais indispensaveis alimentos. Que doidice o chamar riqueza a uma abundancia no meio da qual se morre de fome!»

E' impossivel o caracterisar d'uma maneira mais justa as verdadeiras propriedades do dinheiro. Algures Aristoteles ha apreciado com a mesma exactidão as consequencias da usura e as do espirito de monopolio.

«Um Siciliano—diz elle—tinha um pouco de dinheiro em deposito. Com elle comprou todo o ferro que se achava nas forjas. Logo os mercadores chegaram de differentes paizes e não acharam ferro senão só unicamente em casa d'elle. O Siciliano não havia elevado lá muito o preço; comtudo dobrou sua entrada de fundos que era de cincoenta talentos.»

* * *

Criticou-se com alguma razão alguns economistas modernos por não terem comprehendido nas suas apreciações da riqueza publica senão os productores materiaes, como se o magistrado, que dispensa a justiça ou que dirige a administração, não prestasse á sociedade eguaes serviços como os industriaes ou os agricultores. Platão elle mesmo caira n'este erro, que é refutado com vivacidade por Aristoteles:

«Como assim! a metropole não seria constituida senão para as necessidades physicas! os sapateiros e os lavradores bastariam a tudo!

—Qual é a parte do homem que o constitue essencialmente? Pois não é a alma primeiro e depois o corpo? Porque pois as unicas profissões que preenchem as primeiras necessidades comporiam porventura ellas uma metropole, antes que a profissão de arbitro imparcial dos direitos ou a de senador deliberando pelo bem do Estado? Pois não são estas profissões a alma obrante da metropole? (1)»

A rehabilitação d'estes creadores de productos immateriaes não é como se pensa uma descoberta moderna, mas sim antiquissima, como se vê.

Tambem Aristoteles havia indicado com uma precisão admiravel as causas da antiga lucta que existe desde as primeiras edades do mundo entre a riqueza e a pobreza.

«Toda a sociedade politica—dizia elle, divide-se em tres classes, os ricos, os pobres e os cidadãos abastados que formam a classe intermediaria. Os primeiros são insolentes e sem fé nos grandes negocios; os segundos tornam-se velhacos e gatunos nas coisas de pouca monta: d'aqui mil injustiças, resultado necessario do embuste e da insolencia que os tornam egualmente deslocados n'um conselho, n'uma tribu, e mui perigosos n'uma metropole. Os ricos mamam a independencia com o leite: educados no meio de todos os prazeres, elles começam desde a escola a desprezar a voz da auctoridade. Os pobres, ao contrario, importunados pela angustia, perdem todo o sentimento de dignidade: incapazes de commandar, elles obedecem como escravos, ao passo que os ricos, que não sabem obedecer, commandam como despotas. A metropole não é então senão uma aggregação de dominadores e de escravos; não existe de modo nenhum homens livres. Rivalidade d'um lado, desprezo de outro; onde achar a amizade e essa benevolencia mutua que é a alma da sociedade? *Que viagem com um companheiro que se tem como um inimigo!*»

«Portanto,—continua Aristoteles—a classe media é a base a mais segura d'uma boa organisação social, e a metropole terá necessariamente um bom governo, se esta classe tem a preponderancia sobre as duas outras ligadas ou pelo menos sobre cada uma d'ellas em particular. E' ella que, perfilhando-se d'um lado, fará pender o equilibrio e obstará um ou outro extremo de dominar. Se o governo está entre as mãos dos que são extremamente ricos ou dos que são extremamente pobres, elle será ou uma fugosa demagogia ou então uma oligarchia despotica. Ora, qualquer que seja o partido dominante, o arrebatamento da democracia e o orgulho oligarchico conduzem sem desvio para a tyrannia. A classe media está muito menos exposta a todos estes excessos. Ella só não se revolta nunca; por toda a parte onde ella se acha em maioria, não se conhece nem essas desordens, nem essas reacções violentas que destroem as bases dos governos. Os grandes Estados estão menos expostos aos movimentos populares. Porque? porque a classe media ahi é numerosa. Mas as pequenas republicas estão muitas vezes separadas em dois campos. Porque ainda? porque ahi se não acha senão os pobres e os ricos—isto é, os *extremos* e não os *centros*.»

Parece que estas linhas foram escriptas hontem e lançadas aos leitores por uma das mil vozes do nosso tempo. Citei-as com alguma extensão, porque ellas dão uma idéa exacta das vistas economicas dos maiores escriptores da antiguidade. Quanto á boa organisação do governo, tambem Aristoteles não se afastava das vistas dos modernos—isto é, dos governos saidos dos *centros* e não dos *extremos*.

Quanto mais relemos Aristoteles, tanto mais vimos ao conhecimento que este grande escriptor resumira em tudo as ideias as mais avançadas da civilisação do seu tempo.

* * *

(1) *Politica*, liv. 4.º cap. IV.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Liberalismo

Carta pastoral do Ex.mo Bispo de Carthagena

(Continuado do n.º 18)

XIII

O liberalismo divide e perde a sociedade

Pois não só rebaixa a dignidade do individuo e destroe a liberdade immolando-a em holocausto á soberba, mas tambem a independencia absoluta do Estado, proclamada pelos liberaes, ataca a ordem social, e em vez d'engrandecel-as, perturba pelo contrario a vida das nações, altera-as, desconcerta-as, destroe o seu organismo e a sua vida.

A sociedade civil não pode viver nem subsistir independentemente da Egreja; o Estado autonomo não pode prover, como devêra, ao fim social, e a sociedade desmorona-se pelo seu proprio pêso, pois até as ideas d'auctoridade e sociedade desapparecem sob o imperio de theorias tão dissolventes.

Independente da Egreja, o Estado vê-se obrigado a conceder um sem numero de liberdades, incompativeis com o fim da sociedade civil. E a cousa é clara. O Estado por si não é nem pode ser juiz em materia de religião, logo não poderá deixar de conceder a *liberdade de cultos;* não pode erigir-se em juiz da moral, logo, desajudado da Egreja, ha de reconhecer como direito civil, a *liberdade de consciencia;* não é nem pode ser juiz nem arbitro das doutrinas, logo não pode negar aos subditos a liberdade de pensar, d'ensinar e d'escrever qualquer doutrina por absurda e immoral que seja, sempre que se não opponha ás primeiras verdades do entendimento e ás primeiras prescripções da synderese.

Com que direito poderia o Estado negar ou restringir estas liberdades aos subditos? Que compita a Deus legislar para os entendimentos e consciencias das suas creaturas, comprehendemol-o perfeitamente; que haja um magisterio infallivel, instituido por Deus e que em nome de Deus dogmatize ou imponha os seus ensinamentos aos homens, é cousa logica; mas que um homem, em representação de si mesmo, só porque se julgue mais sabio ou mais pratico, ou mais forte, queira impôr aos demais a religião, as

doutrinas e a ethica que elle professa, é uma tyrannia contra a qual protestam e se erguem de commum accordo o coração e a razão.

Agora vejamos: poderá, já não direi prosperar, mas ao menos viver, uma sociedade em que sejam direitos invulneraveis dos cidadãos, a liberdade de religião, de cultos, de pensamento, d'imprensa, d'ensino? Ah! em outra occasião vos expozemos com mais desenvolvimento a impossibilidade absoluta de que haja ordem, paz, tranquillidade e felicidade em semelhantes sociedades; (1) alli demonstramos que o livre pensamento, ou seja a liberdade de pensar, ao qual seguem sempre as liberdades sobreditas, é um horrivel attentado contra a vida das sociedades civis, quer as consideremos em si mesmas em quanto são reunião de muitos; quer em seu principio regulador, que é a auctoridade; quer no seu fim, que é o bem commum dos associados.

Não; nas sociedades, que teem as suas constituições vasadas nos moldes liberaes, não pode haver unidade de pareceres, não pode haver união e concordia de vontades, não pode haver conspiração unanime e constante para o bem commum; n'essas sociedades, á diversidade de pareceres hade seguir-se a diversidade de aspirações; e onde não ha unidade de vistas e concordia de vontades, hão de imperar as discussões, as dissensões, as discordias, as violencias, as revoluções; n'essas sociedades, por conseguinte, cumprir-se-ha ao pé da letra o dito do Propheta: *Divisum est cor eorum, nunc interibunt;—está dividido o seu coração, logo perecerão* (2); ou a sentença mais clara e terminante ainda de Nosso Senhor Jesus Christo: *Omne regnum in se divisum desolabitur;—todo o reino dividido em partidos contrarios, será destruido* (3).

Taes sociedades, ainda que exteriormente ostentem prosperidade e gloria, ainda que se mostrem ricas, fortes, grandes, cheias de vida e energia, resumando felicidade, estão interiormente carcomidas pelo guzano roedor da discordia; faltas de base solida, ao menor impulso, a um sopro apenas do furacão da revolução, desaprumam-se estrepitosamente e desapparecem, como se desaprumou e foi reduzida a subtil pó a estatua da visão do Grande Nabucodonosor, apesar da *sua cabeça d'oiro, peito de prata, ventre e musculos de bronze*, das suas *pernas de ferro*, e apesar da estatura gigantesca e do aspecto formidavel, logo que tocou na sua base, formada d'elementos heterogeneos, a pedrinha mysteriosa desprendida da colina da montanha vizinha (1). Esta estatua, que segundo a exposição de Daniel, figurava os quatro maiores imperios que durante a sua carreira viu o sol no decurso dos seculos, representa tambem a sorte reservada aos imperios e sociedades, baseadas na soberba humana, na divinisação do homem e da materia, cujos imperantes no paroxismo do seu orgulho se atrevem a parodiar o insensato rei de Babilonia. Morrem, e morrem derribadas pela insubordinação, corroidas pela discordia.

Eis a sorte reservada ás sociedades liberaes; as disputas, as contendas, as dissensões, os partidos e os odios dividem-as de tal modo, que é n'ellas impossivel a paz, a tranquillidade e a ordem que resultam da concordia dos entendimentos e vontades; e assim como nas sociedades christãs, se vivem em conformidade com o espirito evangelico, se reproduz aquelle prodigioso phenomeno, tão admiravel para os gentios: *Credentium autem erat cor unum et anima una* (2): *um só era o coração e a alma de todos os crentes em Jesus Christo;* assim, pelo contrario, nas sociedades informadas pelo espirito liberal dominam os disturbios, os motins, as assoadas, as revoluções, precursoras da decomposição e da morte; e em vez de *cœtus hominum jure sociatus*, como a defeniam os antigos, converte-se a sociedade no que em bella phrase chamava o Papa S. Leão, *Silvam frementium bestiarum et turbulentissimæ profunditatis oceanum* (3); não o fim social, mas o *fim* da sociedade é o termo fatal de theorias tão dissolventes.

Ah! quão justo e sabio é o Senhor, veneraveis irmãos e amados filhos! Ninguem viola impunemente a sua ordenação soberana. Ao individuo prevaricador está-lhe reservado o inferno; á sociedade que só vive no tempo, applica-se-lhe a pena correspondente na presente vida, e applica-se-lhe como ao individuo, segundo aquella lei soberana *Per quæ peccat, quis per hæc et torquetur;—por onde cada um pecca, por ahi será castigado* (4). As nossas sociedades pretendiam chegar *pelo* caminho do *Liberalismo* a uma perfeição elevadissima; e pelo contrario, em castigo da sua soberba, foram precipitadas no profundo até se egualarem com as bestas. Aspiravam a progredir e prosperar em toda a ordem, e uma ruina completa e total é o termo fatal das suas soberbas tentativas. Quizeram viver tranquillas e prosperas á sombra da arvore da liberdade mal entendida, e n'ellas se está cumprindo ao pé da letra a lição contida no apologo mais antigo, no apologo proposto por Joatam, filho menor de Gedeão, aos habitantes de Siquem.

Collocado no cume do monte Garizin, disse em alta voz: «Cidadãos de Siquem, ouvi-me: assim vos ouça Deus. Juntaram-se as arvores para ungirem o seu rei, e disseram á oliveira: reina sobre nós. A oliveira respondeu: Como posso eu deixar o meu pingue licor, de que se servem os deuses e os homens, para ir a ser superior entre as arvores? Disseram, pois, á figueira: vem e reina sobre nós. A qual lhes respondeu: Devo eu abandonar a doçura e suavidade do meu fructo para ir a ser superior sobre as arvores? Dirigiram-se depois as arvores á videira, dizendo: vem e reina sobre nós. A qual respondeu: Pois quê, posso eu abandonar o meu vinho que alegra a Deus nos sacrificios e aos homens, nos banquetes, a troco de ser rainha das arvores? Finalmente as arvores todas disseram á sarça: vem e reina sobre nós. A qual lhes respondeu: Se com verdade e de boa fé me constituis vossa rainha, vinde e descansae á minha sombra; e se não, saia fôgo da sarça e abrase até os cedros do Libano» (1).

Esta horrivel imprecação, cumprida litteralmente nos Siquimitas, que haviam erigido como seu rei Abimelec, sentando-o sobre um throno orvalhado de sangue dos seus setenta irmãos, filhos do Grande Gedeão, cumpriu-se tambem nas modernas sociedades. Separaram-se da sombra da soberana videira (2), que é Jesus Christo Nosso Senhor, negando-lhe a soberania social; fugiram da *oliveira fructifera* (3), que é a sua santa Egreja, proclamando-se independentes da sua auctoridade; abrigaram-se debaixo da sarça da liberdade, erriçada d'espinhos, de perigos e transtornos, e o fogo da discordia, que brotou do coração da sarça, consumiu tudo quanto havia em volta d'ella, sem perdoar aos excelsos cedros do Libano.

(1) Carta Pastoral dada na quaresma de 1887.
(2) Oseae, X, 2.
(3) Luc XI, 17.

(1) Daniel, II, 31 et seq.
(2) Act. Ap. IV, 32.
(3) Serm. IV de SS. Apostolis.
(4) Sapient XI, 17.

(1) Judic. IX, vv. 7-15.
(2) Joann., XV, 5.
(3) Eccli., XXIV, 19.

SECÇÃO CRITICA

Deus e os Pobres

Dieu et les pauvres=Gott und die armen=God and the poor=Dios y los pobres=Dio e i poveri.

A legenda sublime que em francez, allemão, inglez, hespanhol e italiano circunda o retrato do bemaventurado *S. Vicente de Paulo*, cuja *Vida Popular* o snr. Manoel Fonseca traduziu do francez e o snr. José Fructuoso da Fonseca publicou em livro.

Este retrato, que precede a primeira pagina do livro, não póde dizer-se oval, nem tem os contornos e regularidade de fórmas que tornam distincto e inimitavel o de Christo, mas a doçura do olhar, o porte grave, a apparencia simples e ingenua que d'elle se traduzem, dão-lhe a maxima parecença com este, e convencem de que todos os seus esforços não tiveram outro fim mais que a imitação de Christo.

Deus e os pobres, assumpto do magnifico livro, foram as identidades que por completo absorveram, na longa vida de oitenta e quatro annos, todos os pensamentos, meditações e trabalhos physicos do grande apostolo da caridade, o veneravel sacerdote S. Vicente de Paulo, proclamado ultimamente pelo Soberano Pontifice padroeiro de todas as obras de caridade.

Dizer que o traductor e editor prestaram um grande serviço á Egreja catholica, apostolica, romana, e que a leitura do livro é edificante como poucas, é um rigoroso dever que da melhor vontade venho cumprir, mas as palavras reunidas—DEUS E OS POBRES—n'elle escriptas, que encimam estas linhas, encerram uma *poesia sacra* de quilate tal, que dispensa recommendação ainda da penna melhor aparada; e prestada a devida homenagem áquelles dois cavalheiros, resta-me apenas dizer que o livro se acha á venda por um preço baratissimo, e as impressões que da leitura do mesmo colhi.

Da leitura da vida do veneravel santo não se colhe sómente o prazer de vêr com os olhos da alma e admirar o anjo da caridade, que em fragil baixel sulca sereno e impavido os mares procellosos do infortunio, e salva milhares de naufragos da fome e do crime; sente-se tambem despertar o desejo da imitação; e aquelle que pratica o bem, ou que simplesmente medita pol-o em obra na primeira occasião propicia, sente-se d'ante-mão grande e enobrecido a seus proprios olhos e bem com Deus e com os homens.

Eis uma das principaes razões que fazem recommendavel o livro, que todo o chefe de familia sensato, que se prese de bom christão, deve possuir e lêr a seus filhos.

S. Vicente de Paulo não ensaiou essa caridade cara e espaventosa, apanagio da sociedade moderna que annuncia *urbi et orbi* pela imprensa e outros milhares de trombetas que em tal dia será dado um jantar aos pobres, servido pelas pessoas mais gradas da localidade, jantar que nem todos aproveitam por se verem forçados a fazerem publica a sua pobreza envergonhada; a caridade que elle levou á pratica e ensinou á sociedade é sem estrondo, engenhosa, baratissima e sobre tudo facil, alcançando pleno resultado porque chega aonde é precisa, sem vexame do favorecido. E' o systema actualmente adoptado pelas Conferencias de S. Vicente de Paulo, do Porto, e creio que de todo o paiz.

Dar muitas esmolas é bom, e mesmo dal-as a esmo não é mau; pessoas ha que pela sua posição social não podem negal-as, nem descer a averiguar se o pedinte é um verdadeiro pobre ou um especulador; estão n'este caso as pessoas reaes e outras pessoas gradas; mas empregar meios para que a caridade recaia na pessoa que a precisa, para que a boa fé não seja illudida, é melhor ainda, é tornal-a duplamente productiva; e no livro citado encontram se methodos delicadissimos para bem distribuil-a.

Transcreverei um que é bello; será elle que indemnizará os leitores do tempo perdido na leitura fastienta com que lhes provei a paciencia, e me alcançará o preciso perdão:

«Foi em Chatillon que S. Vicente de Paulo começou uma das grandes obras da sua vida. Um dia de festa, quando se dispunha a subir á cadeira da verdade, foi lhe dito por uma boa christã: que se achava na maior miseria uma familia de lavradores da freguezia; adoeceram todos os seus membros ao mesmo tempo; ninguem tratava d'elles; a sua indigencia era completa. Tinha talvez preparado outro sermão; mas commovidissimo com esta communicação, fez d'ella objecto da sua predica: elle enterneceu-se; o auditorio chorou.

Quando terminou os seus trabalhos na egreja dirigiu-se á casa da familia doente e teve a consolação de verificar que Deus abençoára as suas palavras. Pelo caminho encontrára grupos de pessoas que acabavam de realisar a mesma peregrinação de caridade e ninguem fôra de mãos vasias: pão, carne, vinho, remedios, roupas e tudo o que é necessario a doentes se tinha accumulado na pobre casa.

Sua alma ardente e generosa tinha tambem o dom da organisação. «Alli está, dizia comsigo, uma caridade mui commovente, mas mal feita; esses pobres teem agora o superfluo; as provisões que lhe deram vão alterar-se, e, em breves dias, se não se velar por isso, recomçará o martyrio.»

No dia seguinte chamou as mais caritativas parochianas ao presbyterio, apresentou-lhes a ideia de se constituirem em associação com o fim de angariarem e regularisarem os soccorros para os doentes pobres da localidade e assim se fez. D'este modo estabeleceu elle a primeira *Confraria de caridade para assistencia aos pobres doentes.*

Castro.

A responsabilidade criminal

Cada vez que o auctor d'um crime paga a sua divida á sociedade, os chronistas e moralistas dos jornaes entregam se, principalmente nos paizes onde a pena capital está em vigor, a variadas considerações sobre o castigo supremo. E o echo d'essas considerações, produz se nos jornaes portuguezes.

O problema a que se applicam não é, em verdade, de somenos importancia.

A these é esta. a sociedade tem o direito d'infligir a morte ao culpado? Resolvem-na pela affirmativa ou pela negativa, segundo admittem ou não a funcção social como a funcção essencial do ser humano. Mas não se chega a assentar cousa alguma de definitivo; a discussão é constantemente repisada e successivamente abandonada. A' questão: a sociedade tem o direito de punir? substitue-se esta: o criminoso é culpado?

No fundo, é a mesma cousa. Como infligir o castigo se existe a duvida sobre a culpabilidade?

Mas, como não póde haver culpabilidade sem responsabilidade, antes de saber se o criminoso é culpado, é necessario saber se elle é responsavel.

A responsabilidade! Que assumpto para meditações em uma sociedade e para uns moralistas cujo primeiro cuidado é esquecerem a natureza do homem, as suas origens e os seus destinos finaes.

A acreditar-se n'esses moralistas, a sciencia teria demonstrado que o homem não passa d'uma machina animal, submettida unicamente ao influxo dos instinctos da animalidade pura. Ao gosto do seu capricho—não dizemos bem, pois o capricho suppõe ainda uma especie de escolha, de deliberação—ao

O RAPTO DE SANTO IGNACIO

QUADRO DO IRMÃO GALLÉS, DA COMPANHIA DE JESUS, NA CAPELLA D'ESTE TITULO EM MANRESA

gosto do irresistivel impulso do momento, a ave de rapina atira-se á presa, ou deixa-a passar. Assim tambem o homem: conforme o sangue circule nas suas veias, segundo o seu estomago digira bem ou mal, o seu figado e as suas entranhas desempenhem normalmente ou não as suas funcções, elle será bom ou mau.

O vicio e a virtude são productos como o vitriolo e o assucar. De moral, de consciencia, de livre arbitrio, e, por consequencia, de responsabilidade nenhum traço existe.

Mas ha loucos, diz-se, e a loucura é irresponsavel. Certamente. E, para responder á objecção, nem sequer temos necessidade d'indagar se o acto inicial da loucura não é um acto de livre arbitrio. A these dos taes moralistas não é esta. Elles não dizem: os loucos são irresponsaveis. Dizem: os grandes criminosos são loucos, talvez momentaneos, mas certamente loucos.

Não suppomos theorias, resumimos e traduzimos simplesmente phrases como estas: «Não se poderia conceder que a «mais poderosa escusa do crime fosse, «principalmente, a sua estupidez bes«tial?... Não ficaes inquietos até o «bruto humano que mata, viola ás ve«zes, sem razão sufficiente, sem pre«caução, com uma estupidez rara?»

E como é scientifico quem assim falla, o exemplo vem apoiar a theoria: «Menesclou mata, esquarteja, frita o «corpo d'uma creança. Foi condemnado «á morte, decapitaram-no, fez-se-lhe «autopsia e encontrou-se «um cerebro «doente, meninges adherentes com as «quaes era absolutamente impossivel «pensar.»

E a conclusão d'esta observação, é que «quanto mais espantoso fôr o cri«me, mais probabilidades ha de que «seja um ser irresponsavel, um alie«nado, aquelle que o cometteu.»

Então deduz-se isto d'uma observação unica? Conclue-se assim do particular para o geral? Fez-se a autopsia do craneo de Menesclou; mas fez-se a autopsia da sua consciencia? Os alienistas não o tinham observado attentivamente e não haviam concluido pela sua responsabilidade? Observação antes, observação depois, qual d'ellas vale? Conflicto de sciencia, ou antes, conflicto de sabios, que pode isto provar a favor ou contra a irresponsabilidade dos criminosos? A adherencia das meninges de Menesclou resolveria acaso não só o problema do pensamento, mas tambem o da vida? Pobre gente!

Assim, fica bem claro: os grandes culpados são alienados. Sómente, a alienação muitas vezes é apenas momentanea. Por exemplo, nos crimes paixonaes, se nos admittem o termo.

Para se ter direito a todas as indulgencias, jus a um diploma d'innocencia, basta agora invocar a paixão. E vejamos a deducção rigorosa: quem obra impulsionado pela paixão não é senhor de si mesmo, e quem não é senhor de si é irresponsavel. Más leituras, relações perigosas, habitos perversos, são sem influencia, isto não se conta. Pode-se mesmo perguntar se isto existe. Quem ousará dizer que tal, ou tal leitura é má, que se deve evitar tal ou tal companhia, que a moral reprova taes ou taes habitos? Os nossos moralistas rir-se-hão. Quem ha-de affirmar que a luxuria tem inspirado as mais assombrosas perversidades, cuja recordação vem do fundo dos seculos para espanto da humanidade; que depois de se ter enterrado no lodo, são precisos aos seus gozos, nunca saciados e cada vez mais ardentes, gritos de dôr e sangue; que é ella, finalmente, a fornecedora do patibulo? Os moralistas em questão, muitos d'elles flores de deboche elegante, alguns flores de Sodoma,—encolherão os hombros, e pretenderão mesmo que criticar o vicio é attentar contra a civilisação.

Portanto, ahi estão os factos. A genese de todos os grandes crimes contemporaneos está feita. Por toda a parte se ostenta a lubricidade. E' uma producção expontanea?

Ah! por exemplo, se as leituras, as relações, os habitos em nada ajudam esses empurrados da paixão, pelos quaes os jurys começam a mostrar tanta indulgencia, ha uma cousa com a qual os nossos moralistas não gracejam: é a hereditariedade.

Teem razão. Mas em compensação, é ahi que está o ponto mysterioso onde toda a nova e pretenciosa philosophia do crime se desfaz como fumo.

Inexplicavel a hereditariedade, muito especial á especie humana. Do mesmo modo, sempre os mineraes se aggregam, os vegetaes crescem, os animaes movem-se; as affinidades, o movimento das seivas, o desenvolvimento dos instinctos, entre uns e os outros, nada muda. Para o homem não é assim. A nossa especie tem individuos bons e maus, e no mysterio da geração, o pensamento fica confundido em presença da pobreza dos meios e da grandeza do resultado. O genio não se transmitte, nem o talento; as virtudes não passam dos paes aos filhos. Em que se manifesta, pois, particularmente a hereditariedade? Nos defeitos phisicos, nas doenças, principalmente nos vicios.

Sim, muitissimas vezes dá-se isto de geração para geração; tambem algumas vezes a hereditariedade deixa indemnes as gerações mais proximas para attingir os que hão-de nascer d'ahi a vinte annos, cincoenta annos, um seculo.

Um doutor, homem que não era de meias medidas, estava tão convencido da fatalidade da hereditariedade do crime, que queria muito a serio guilhotinar, ou pelo menos deportar todos os filhos de pessoas condemnadas. «Quando se reflecte n'estas cousas, diz um publicista contemporaneo, fica-se bastante impressionado. Por pouco que valha a vida d'um homem (sempre o esquecimento do seu fim ultimo), por mesquinhas que sejam as sentimentalidades d'alguns que não veem, na pena de morte, senão materia para declamação, o problema do castigo capital nem por isso fica sendo menos inquietante.»

Acreditamos; e assim continuará a ser, perfeitamente insoluvel, para todos aquelles que esquecerem que a natureza humana foi perturbada na sua origem, que o homem é duplo e organisado para um fim superior; que a milicia da sua vida não é sómente a lucta pela existencia material, mas a lucta moral entre os baixos instinctos, os deveres e o fim.

Em uma palavra, o problema das responsabilidades terrestres é inseparavel da fé na vida futura, nos seus castigos e nas suas recompensas.

Desde que se esqueça isto, nada é claro, nada se explica, todos hesitam, os jurys absolvem os culpados crendo que apenas se trata de loucos, e, em logar do homem, em plena luz d'esta civilisação que faz o nosso orgulho, não se encontra mais que o bruto, não um nobre e generoso animal, mas um bicho cruel, hediondo e repugnante.

Isto não mudará pelo facto de que em vez de burguezes façam compôr os jurys de sabios. Não mudará, porque os jurados, em logar de responderem: —sim, o accusado é culpado, ou—não, o accusado é innocente, responderão apenas: quem sabe se elle é responsavel?

F. F.

Mermillod

Quando este trabalho fôr impresso já Monsenhor Mermillod será o Cardeal Mermillod! Sua Sanctidade Leão XIII resolveu revestir Monsenhor Mermillod da purpura cardinalicia, não só pelo apreço especial em que tem os serviços relevantissimos feitos á Egreja de Deus pelo referido Prelado, como tambem para d'aquelle modo testemunhar á Suissa e seu governo o agrado pela maneira como na mencionada republica são acceites as resoluções papaes. Monsenhor Mermillod, nos seus

cincoenta a sessenta annos, nasceu suisso, e no cantão genebrino e mesmo na cidade de Genebra ou mui perto d'esta; seu sympathico exterior denuncia seu bom interior; nossas preciosas relações pessoaes com Sua Excellencia Reverendissima começaram no primeiro Congresso Catholico de Malines, continuadas depois em Roma e na Suissa. A primeira vez, que tive a honra de fallar no citado Congresso, foi depois e logo que Monsenhor Mermillod acabou um seu discurso. Sua palavra é sempre doutrinal, erudita e arrebatante. Pouco depois de sacerdote teve o cargo pastoral da parochia de Notre-Dame de Genéve; decidiu edificar um novo templo para a sua freguezia e fel-o, com a cooperação piedosa, bello e em estylo gothico, sendo o mais formoso monumento da cidade de Genebra. Chamou para seu coadjuctor e vigario um monge benedictino, suisso, que vestia sempre o seu habito de S. Bento na Egreja, na residencia parochial e fóra d'esta; pio, sabio e das melhores maneiras, era digno de quem coadjuvava! Quando o Kulturcampf na Suissa, Monsenhor Mermillod foi uma das victimas innocentes de tal entidade perseguidora da Egreja de Deus, e a ponto de ser violentado a sahir da Suissa, embora mesmo sua qualidade citadina de suisso nato; então já Monsenhor Mermillod era Bispo titular de Hebrun e auxiliar do Prelado ordinario de Genebra. Violentado a deixar Genebra, Monsenhor escolheu para seu desterro Ferney, menos que cidade da França e tão perto de Genebra, que d'esta se alcança em meia hora, ou ainda menos, de carruagem; tive a dita de visitar em seu desterro Monsenhor Mermillod, e bem conservo as primeiras suas palavras para mim tão honrosas: *Mon ami!* Em Ferney nasceu Voltaire, mas não foi por tal lembrança que Monsenhor fez a escolha. Durante o referido desterro Monsenhor foi sempre cuidadoso apostolicamente do seu rebanho mystico; e por intervallos foi a Roma; e a pedido de muitos de differentes outros logares da Europa fez ouvir n'esses logares sua voz apostolica e sabia; dizia-me, que desejava visitar Portugal, que até agora ainda não teve tal ventura! Quando parocho, e ainda não Bispo de Hebrun, de Notre-Dame de Genève fundou o Muito Reverendo Mermillod um jornal, catholico *sa va sans dire,* como dizem os francezes e nós dizemos: escusado seria dizel-o; passado um certo tempo constou ao Muito Reverendo Mermillod que o seu jornal, campeão na defeza dos interesses catholicos, não era encontrado nos logares publicos, como botequins ou cafés, casas de pasto ou restaurants, como preferem dizer cá os modernos e os amodernados, e que lá nos mesmos estabelecimentos eram só proporcionados á leitura os jornaes anti-catholicos ou os de mescla; visto isto, chamou o zeloso Mermillod uns tantos catholicos decididos e disse-lhes: «Ouvi e communicae aos que pensam bem como vós; ide por esses logares onde a má imprensa é proporcionada a todos que a querem lêr, e se observardes que não está nas mezas o jornal que fundei *Religioni vendicandae,* pedi-o; se vos disserem que não está assignado, dizei vós: pois se não fôr assignado nós e os nossos amigos deixamos de tornar a vir aqui.» Assim practicaram os commissionados, e o remedio do Muito Reverendo Mermillod conseguiu o que este Reverendo Senhor desejava. Só isto bastaria para dar uma idéa do que vale Monsenhor Mermillod! Este prelado é uma gloria da Egreja da Suissa (que toda o respeita), e da sociedade sã! Monsenhor Mermillod, nomeado por Sua Sanctidade Pio IX, de gloriosa memoria, Bispo titular de Hebrun e auxiliar de Genebra, foi por a beatitude de Leão XIII, felizmente reinante, nomeado em jurisdicção ordinaria no bispado suisso que hoje tem a grande ventura de o ter como seu Bispo. O Kulturcampf morreu, e Monsenhor Mermillod governa em paz a sua diocese e vai ser por Sua Sanctidade creado Cardeal.

Ainda ha pouco Monsenhor Mermillod teve uma grande nova prova de consideração devida e que lhe foi dada pela auctoridade civil suissa.

Genebra é uma graciosa cidade, em bellezada pelo seu lago e no qual ha navegação sustentada, havendo uns barcos a vapor, que tocam em differentes pontos das graciosas margens; ha umas vinhas avisinhadas ou quasi tocando o lago, as quaes produzem gostosissimas e bellas uvas, o que dá occasião de serem mandados para aquelles sitios os doentes, aos quaes os facultativos receitam ou indicam o tractamento das uvas.

O magestoso alpino Monte Branco, assim dito por isso que nunca totalmente se despe das neves, está como a cavalleiro do lago de Genebra e alimenta este por aquella parte das suas recebidas e derretidas nevadas; é tão clara a agua do referido lago que se vê o fundo d'este; d'elle deriva o Rhódano, que, atravessando a França, se precipita no mar Mediterraneo. E' de cifra mais subida o numero de estrangeiros, que vão a Genebra com mais ou menos demora; tal concorrencia data de muitos annos; esta circumstancia fez com que muitos d'aquelles buscassem Monsenhor Mermillod, e por este presbytero e prelado muitos foram encaminhados pela estrada da salvação! Quantas circumstancias e incidentes do maior interesse! Façamos uma referencia a modo de v. gr. Chegou a Genebra em viagem uma senhora protestante americo-ingleza; demorou-se e ouviu a palavra apostolica da bocca sacerdotal Mermillod; reouviu-a e tornou a ouvil-a, e como *Fidus ex auditu* resolveu abraçar a Fé Catholica, e assim o participou a sua mãe, protestante, residente na America do Norte. A mãe, logo que soube a resolução da filha, partiu para a Europa e Genebra no intuito de dissuadil-a de fazer sua abjuração do protestantismo e entrar na Egreja de Deus; chegou a mãe a Genebra e nada conseguiu; passado algum tempo, a mãe tomou a mesma resolução e as duas protestantes eram duas catholicas! A filha deu o exemplo á mãe, por isso que a verdade prima!

Estas linhas não procuram desenhar o perfil de Monsenhor Mermillod, mas sim e rapidamente, com o devido respeito, desenhal-o em cheio. E' uma das trapalhices da moda o annunciar-se o perfil de F. e ao mesmo tempo apresentar todo o retracto d'elle sem mesmo o esquecimento das verrugas; não desejamos ser contraditorio.

Monsenhor Mermillod não tem tido tempo para escrever, por isso que o tem empregado em fallar; quando um dia fôr colligida toda a sua palavra em volumes, estes formarão uma bibliotheca catholica, sabia, artistica, em honra de Deus e em proveito dos homens!

Na Suissa nunca nasceu um homem maior que Monsenhor Mermillod!

19 de junho de 1890.

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

DE SONETO

Cinge a terra de sombras a mantilha,
n'uns tremulos silencios de saudade.
Late o rafeiro da remota herdade;
debil luz n'uma ermida, ao longe brilha.

No laranjal fragrante, de escomilha
da lua escorre a lactea claridade.
Dorme a flôr, dorme tudo! A soledade
quasi o imperio da noite a sós partilha.

E emquanto nas veredas dos espaços,
corre a terra e o vestigio de seus passos,
de sóes se extingue em poeira reluzente;

d'entre as sombras da noite, vigilante,
do Senhor no perfil, mais rutilante
fuzila o olhar austero e providente!...

POESIA

Socia gentil da ardente mocidade,
d'esta vida meu unico fio d'oiro,
desborda do meu plectro, meu thesoiro,
os sons tão pobres d'esta anciedade.

Dá-me a mão, e entre horróres faz-te luz;
desprega em meu caminho alguma flôr;
e, ao reclinar-me, envia um raio d'amôr,
á minha tosca e solitaria cruz!...

Mattos Ferreira,
Prior em Cintra.

SECÇÃO ILLUSTRADA

O rapto de Santo Ignacio

(Vid. p. 223)

A NOSSA gravura d'hoje representa um dos muitos raptos e extasis com que Nosso Senhor agraciou o seu fiel servo, Santo Ignacio de Loyola, fundador da inclita Companhia de Jesus, que tem sido o flagello da impiedade e a guarda avançada da Egreja de Jesus Christo.

A Egreja rosa hoje de Santo Ignacio de Loyola, que falleceu a 31 de julho de 1556; porisso a nossa gravura tem toda a opportunidade.

Não nos propomos fazer aqui a biographia d'esse homem extraordinario, de que a Providencia se serviu para anniquilar as fementidas doutrinas do apostata Luthero, de Henrique VIII e de Calvino; d'esse heroe christão, escolhido, segundo as palavras do Santo Padre Urbano VIII, para pôr um dique ás funestas conquistas dos inimigos de Deus, nascido para as reformas dos costumes em todos os estados, e destinado para levar a fé de Jesus Christo até aos paizes que não tinham ainda ouvido a palavra apostolica. A biographia d'este santo corre impressa em Portugal, e quem desejar lêr um bem elaborado resumo d'ella, peça-a á administração da excellente revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, de Lisboa, que a vende por 30 reis.

Santo Ignacio é um dos santos que mais serviços prestou á humanidade. A sua Companhia, vinda n'um momento tão opportuno, o que por certo foi inspiração do Ceo, continúa a espalhar ainda hoje largos beneficios na sociedade, apesar da guerra tenaz que os apostolos do mal fazem aos benemeritos filhos de Santo Ignacio. Assim a divina Providencia testemunha que deferiu a petição do santo instituidor, que pediu que a sua Companhia fosse sempre perseguida.

Depois de Nosso Senhor lhe fazer a alta mercê de o attrahir á vida da graça, Santo Ignacio foi um ser todo espiritual. O Padre Moigno diz que «não houve homem mais interior, mais cheio de Deus, nem mais morto para as creaturas e para si mesmo.»

A sua divisa era: *Ad majorem Dei gloriam*. E deu bem a conhecer que a traduzia em factos, quando obrigou seus filhos a fazerem voto de renunciar ás dignidades ecclesiasticas.

Paulo V beatificou Santo Ignacio em 3 de dezembro de 1609; e o Papa Gregorio XV, a instancias do imperador, dos reis d'Hespanha, França, Portugal, Polonia e de quasi todos os principes catholicos da Europa o canonisou solemnemente no dia 12 de março de 1622.

Seu corpo foi trasladado, no dia 19 de novembro de 1597, para o altar-mór (lado direito) da egreja de Gesù em Roma, templo magnifico, que deslumbra pela sua magnificencia, edificado pelo Cardeal Alexandre Farnese.

SECÇÃO NECROLOGICA

SAUDADE

(A minha querida filha Delfina Maria da Annunciação)

SAUDADE! é este um sentimento doloroso e irresistivel, pensamento melancolico e pungente que tanto martyrisa! Oh! como eu te possuo no mais elevado grau, ao recordar o pensamento da minha querida e idolatrada filhinha, que no dia 25 de Junho d'este anno se desprendeu da terra para voar ao seio de Deus!

Feliz, mil vezes feliz e venturoso anjinho! Os teus encantos não deviam por mais tempo prender os nossos corações; e porque eras do céo, só ahi devias ser guardado como um penhor da Omnipotencia Divina.

Delfina Maria da Annunciação nasceu no dia 4 de Março de 1888, e falleceu no dia 25 de Junho de 1890, contando portanto pouco mais de dois annos e tres mezes.

. . . . . .

Tu, loura e sympathica creança, que por espaço de dois annos e alguns mezes foste o nosso enlevo e a nossa alegria, deixas teus pobres paes inconsolaveis, mas resignados com os decretos do Eterno, porque foi feita a santissima vontade de Deus: no entanto é impossivel apagar-se-lhes da memoria os teus ditos innocentes que começavas a balbuciar; os teus sorrisos angelicos, com que animavas os seus corações; as tuas maneiras replectas de graça e cheias de encantos, que tanto captivaram o seu amor!..

Ah! não esqueças estes que tanto te amaram na terra e pede por elles ao Senhor. Eras um anjo, e como tal pertencias a Deus.

Bem sabemos que gosas a felicidade d'uma gloria infinda, mas não podemos esquecer-te! A lembrança de que gosas na patria dos escolhidos, serve de lenitivo á dôr que nos cobre o coração de pae. E esta mesma lembrança nos mitiga o soffrimento d'uma profunda, e eterna saudade, que jámais abandonará a nossa pobre alma, aonde está retratada a imagem d'uma filha estremecida. Foram breves teus dias na passagem d'este mundo, e portanto breves foram os momentos que a Providencia nos concedeu contemplar-te, meiga e encantadora creança!

. . . . . .

No dia 13 de Junho, dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, um ataque cerebral (uma traiçoeira meningite) veio prostrar esta innocente creancinha, pondo em risco a sua vida, e na mais completa tristeza e profundo desanimo todos os que conheciam da gravidade da molestia que a victimou.

. . . . . .

Filhinha, querida filhinha Annunciação, pede muito ao Divino Coração de Jesus e ao Santissimo e Immaculado Coração de Maria, por teus paes, por teus irmãos e por todos os que deixaste na terra, a fim de que um dia nos juntemos no Céo, pela misericordia infinita de Jesus. Roga tambem ao teu protector S. José que nos não desampare e assim seremos felizes na terra e na eternidade.

Adeus, recebe de teus paes uma viva saudade e pede por elles.

Junho, 28—1890.

D. P. D. Ribeiro.

RETROSPECTO

Um catholico que cumpre o seu dever.—O vigario apostolico de Hong-Kong escreveu o seguinte ás *Missões Catholicas*, de Milão: «Estão-se aqui preparando grandes festas para a chegada do duque de Connaugt, filho da rainha d'Inglaterra, que visitará esta colonia nos fins do actual mez (março). Entre outras coisas para que será convidado, conta-se a de collocar a primeira pedra para a extensão da praia no mar. Os franc-maçons, que são numerosos em Hong-Kong, cujo Grão-Mestre é a pessoa mais rica da colonia, haviam determinado que a ceremonia se fizesse segundo o rito maçonico, dispondo-se já os preparativos para isso. O governador interino que agora temos, durante a ausencia do governador titular, o qual foi para a Europa doente, é um verdadeiro catholico.

Quando lhe referiram que a ceremonia devia fazer-se segundo o rito maçonico, declarou que, como catholico, não podia concorrer á ceremonia. Os maçons viram que a festa se não podia realisar sem o governador e suspenderam os preparativos. Oxalá que todos os fieis tivessem coragem para imitar o procedimento do governador interino de Hong-Kong!»

Valente catholico! Se todos assim fossem!... Mas, infelizmente, não succede assim. Quando, por acaso, a maçonaria arrebita a orelha, olha-se para toda a parte e não se vê um catholico leigo a defrontar-se com ella. E', pelo menos, o que succede no nosso paiz. Entretanto, não ha entre nós quasi ninguem investido do bastão da auctoridade que se não diga e queira passar por catholico.

Malditos respeitos humanos!—Foi publicada na Allemanha a correspondencia do fallecido *velho-catholico*, Dœllinger. Essa correspondencia contém cartas de personagens illustres, que pediam ao velho sacerdote que regressasse, qual filho prodigo, ao seio da Egreja catholica. Ao lado das cartas estão as respostas, das quaes se vê que o obstaculo para a sua conversão, cuja necessidade elle sentia, era o receio de que a imprensa judia zombasse d'elle!

De modo que, por meros respeitos humanos, aquelle infeliz perdeu-se! Quantos estão no mesmo caso de Dœllinger! Atemorisam-se com as chufas dos que, como elles, trilham caminho errado, e preferem—desgraçados!—a condemnação eterna a fazerem uma confissão franca dos seus erros!

Duplamente desgraçados!

Os catholicos no theatro.—Em Roterdam (Hollanda), os impios quizeram introduzir em scena um actor que, vestido de religioso, desempenhava um papel infame. Tendo os catholicos sabido d'isso, dirigiram-se ás auctoridades para que o impedissem; porém nada lograram. Em consequencia d'isso, acudiram ao theatro: apenas o actor appareceu em scena, a sua voz foi coberta pelos assobios dos fieis, que não permittiam que se ouvisse na sala uma só palavra. A policia maltratou os catholicos, seguindo-se uma lucta, mas estes conseguiram o seu fim. Por fim as auctoridades deram razão aos catholicos.

Por cá os NN escrevem dramalhões infames contra os benemeritos Padres da Missão (vulgo Lazaristas), inventam Padres Bergerets e nem as auctoridades, nem os catholicos, fazem cessar o escandalo. E' certo que se os catholicos de cá fizessem o mesmo que os hollandezes, a policia fazia-os em postas. Mas a auctoridade, que tem por dever não deixar insultar a religião catholica, que é, por emquanto, a do Estado, não deu um passo para pôr termo ao escandalo, se é que não fez côro com os escandalosos.

Procissão catholica em Manchester.—Na quinzena transacta realisou-se uma esplendida procissão catholica em Manchester em honra da Virgem, tendo tomado parte n'ella 15:000 pessoas. Foi uma procissão verdadeiramente admiravel! Por ordem do Lord Maior, foi impedida a circulação durante a procissão. Não houve nenhum incidente desagradavel, apesar da multidão se compôr quasi exclusivamente de protestantes. Pela primeira vez ia na procissão um Crucifixo e uma imagem da Virgem de tamanho natural, conduzidos por cavalheiros da sociedade italiana de S. Miguel. Não só não houve desordens, mas a procissão foi recebida com applausos ruidosos pela immensa multidão, o que prova o crescente favor que aquelles paizes dispensam á religião catholica.

Estabeleçamos o contraste: n'um paiz protestante, as procissões catholicas são acolhidas com o maximo respeito e consideração; nos paizes catholicos, como, por exemplo, o nosso, não é raro vêr uns certos *espiritos fortes*, que mais propriamente se deviam chamar *espiritos ôcos*, chasquearem das procissões religiosas.

E' verdade que por cá ha muita ignorancia e estupidez...

Aos inimigos dos frades.—Na ultima junta da Sociedade Hespanhola de Geographia Commercial, disse-se, entre outras coisas, o seguinte, que mandamos com vista aos correligionarios do *tio* Martins, do *Conimbricense:*

«O snr. Valero, representante na Guiné das Sociedades Geographicas Hespanholas, manifestou que os meninos *pamues* e *vengas*, educados pelos nossos missionarios, hão de ser utilissimo elemento para o desenvolvimento da colonia. Ha-os já que teem officios, e todos aprendem a fallar e escrever o hespanhol em pouco mais d'um anno. Os *pamues* são uma raça superior, intelligente, valorosa e nobre, cuja educação é de grande interesse para a Hespanha, pelo que a Sociedade expressou o desejo de que *os missionarios estendam cada vez mais a sua obra de propaganda.*»

Pena foi que o snr. Valero não désse essas informações aos nossos patrioteiros das chafaricas, ou ao *tio* Martins de Carvalho, patarata-mór cá da Parvonia, porque, em vez de fazerem como a Sociedade Geographica, que emittiu o voto de que os missionarios estendam cada vez mais a sua obra de propaganda, teriam corrido á pedrada o snr. Valero por se *atrever* a elogiar os frades missionarios.

E' por estas e outras que Portugal caminha a panno largo para... o abysmo.

A miseria em Paris e a caridade christã.—Sobre a miseria em Paris, e o papel que alli desempenha a caridade christã, encontramos no *Univers*, assignado pelo snr. abbade Secretain, uma historia edificante, que, em resumo, vamos dar aos nossos presados leitores:

Na rua d'Assas, n.º 58, acha-se situado o hospicio da snr.ª Rault. Esta caritativa senhora não é desconhecida, devido á Memoria apresentada á Academia franceza em 1888 pelo snr. Sully Prud'homme. Esta illustre academia outhorgou á piedosa senhora a que nos referimos, o premio Montyon, com o que apenas ractificou o juizo emittido pelos que teem tido occasião de conhecer e apreciar as grandes virtudes da senhora Rault.

Nascida nas redondezas de Saint-Brieue, educada em Nantes pelas Irmãs da Sabedoria, essa piedosa senhora consagrou-se á instrucção. O exito com que começou a sua carreira, ou, melhor, a sua missão, dizem-no eloquentemente os mais lisongeiros testemunhos officiaes.

Em 1866 foi a Paris para attender á educação d'uma irmã joven. Fez-se enfermeira para assegurar a sua subsistencia e á sua protegida. Havia muita coisa que dizer sobre esta parte da vida da snr.ª Rault. Seria sem duvida interessante, pois o affecto d'esta santa mulher exerceu-se então sob as fórmas mais delicadas. Bastará dizer que em todas as circumstancias, as suas modicas retribuições passaram frequentemente ao bolsinho da gente pobre do seu bairro.

A obra de predilecção da snr.ª Rault, a obra a que esta se consagra especialmente com merito singular, é a protecção ás jovens abandonadas. Quem não tem ouvido fallar d'essas miseraveis creaturinhas que estendem a mão aos ricos á porta dos theatros e dos cafés, e cuja triste especulação dá para viver a seus indignos paes?

O snr. Berry chamou recentemente a attenção do conselho geral do Sena para este genero d'exploração, apontando os logares onde se faz o ignobil trafico dos meninos mendicantes.

O mal é profundo e tende a esten-

der-se, como o provam as estatisticas officiaes sobre a juventude criminosa.

O remedio consiste, sem duvida, na repressão prompta e efficaz contra os miseraveis que fazem estas vergonhosas mercancias. Porém na esperança de que a camara dite leis contra estes abusos e que uma policia excessiva possa bastar para a immensidade d'esta tarefa, a iniciativa particular deve suprir o que os poderes publicos não fazem. Assim o pensou a snr.ª Rault. Um dia, o seu domicilio era então na rua Servandoni, viu chegar-se-lhe uma joven que lhe pedia pão.—«Onde está teu pae?»—«Não sei d'elle.»—«E tua mãe?»—«Está no *pensionato* de S. Lazaro.»

Esta caritativa mulher comprehendeu o drama de miseria que se occultava sob este euphemismo: seu coração está commovido.

Adopta a menina. No dia seguinte apresenta-se outra joven e é acolhida. Em breve o grupo augmentou. Aconselhada por seu director, um piedoso ecclesiastico de S. Sulpicio, a snr.ª Rault consagrou-se desde então a essa tarefa ingrata. Todavia, era preciso viver. A antiga professora ensinou ás suas pequeninas protegidas um officio. Por fortuna sabia compôr guardas-chuvas e cadeiras. Esta industria forneceu os meios d'existencia á colonia. Falta o trabalho. A piedosa joven, reduzida á ultima escassez, vendeu o unico titulo de renda que possuia, fructo de suas pacientes economias.

Outro dia faltaram totalmente os viveres. A snr.ª Rault ora em companhia de suas filhas adoptivas. De repente batem á porta. E' o criado d'uma hospedaria visinha, que leva um sacco cheio de pedaços de pão. Estavam salvas d'esta vez. Nunca tinham comido com tanto desejo nem com tanta vontade. Os inquilinos da casa que a snr.ª Rault occupava com suas protegidas, queixaram-se de que o local era invadido por uma tropa de jovens esfarrapadas. Então trasladou-se para a rua de Madame. Alli repetiram-se as mesmas recriminações, e a pobre colonia, andando vergonhosamente de domicilio em domicilio, estabeleceu-se provisoriamente na rua Assas.

N'um aposento ha uma duzia de meninas occupadas em coser. A snr.ª Rault dirige esses trabalhos. Não ha outros moveis mais que um velho armario e uma meza velha. Nas paredes ha imagens piedosas. Por toda a parte se offerece o espectaculo da pobreza em toda a sua nudez. N'uma sala, ao lado, estão as outras pensionistas, assentadas em duas taboas, recebendo as lições d'uma joven professora, companheira affectuosa da snr.ª Rault. O unico ornamento que alli se vê é um Crucifixo, assás eloquente n'aquelle sitio. Emfim, no fundo está a cosinha, para usar d'uma hyperbole.

O pão nunca falta. Cada pensionista tem sua historia, historia mui triste e commovedora. Uma foi encontrada á porta de casa. Outra fôra buscar asylo e pão, pois seu pae a martyrisava e lhe negava o alimento.

O miseravel pae que assim procedera foi um dia reclamar sua filha ao asylo da snr.ª Rault. A questão foi levada ante o commissario de policia. A snr.ª Rault ganhou o pleito, pois a menina não estava baptisada. Salvou, pois, a alma e o corpo d'esta desgraçada joven.

Abstemo-nos de commentarios. Diremos simplesmente que rasgos d'esta ordem só os inspira a caridade christã.

F.

ANNUNCIOS

HISTORIA POPULAR

DOS PAPAS

POR MR. CHANTREL

Traducção de Antonio José de Carvalho

2.ª EDIÇÃO

1 vol. 5$400; para os assignantes do «Progresso Catholico» os 4 vol. 4$500

Recebem-se assignaturas aos volumes

A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—500 réis

Segunda edição de propaganda popular

DA

IMITAÇÃO

DE

JESUS CHRISTO

Segundo uma traducção publicada em 1743, reimpressa em 1877 e agora revista, correcta e confrontada com a edição latina e novamente prefaciada.

COM APPROVAÇÃO DE S. EM.ª O SNR.

CARDEAL BISPO DO PORTO

1 vol. de perto de 350 pag. encadernado com quatro estampas

Preço 250 réis—Pelo correio 280

A' VENDA

EM GUIMARÃES—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas, successores.

DEVOÇÃO

AO SS.-CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

PIEDOSO PENSAMENTO PARA O

MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»

Obra approvada por muitos Cardeaes, Arcebispos e bispos

Traduzida da 102.ª edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho: *Mez do Sagrado Coração de Jesus, Ladainhas do Sagrado Coração de Jesus, Consagração ao Coração de Jesus, Novena ao Coração de Jesus, Invocação ao Sagrado Coração de Jesus.*

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

POR D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO

Augmentada pelo auctor com um novo capitulo ácerca de um dos mais notaveis processos, e enriquecida com varios artigos do valente escriptor catholico José Maria de Sousa Monteiro, ácerca da H. da Inquisição de A. Herculano

TRADUZIDA DO ORIGINAL COM LICENÇA DO AUCTOR

Pelo Padre Manoel José Gonçalves Preza

Se a *Historia Verdadeira da Inquisição* necessitasse de uma recommendação, era bastante o saber-se que a primeira edição se acha esgotada; mas fortemente está ella recommendada, porque tem a approvação da auctoridade ecclesiastica de Madrid, tem a approvação do Vigario de Jesus Christo, e tem a opinião da imprensa de Hespanha, Portugal e Brazil, como poderiamos mostrar se podessemos dispor de muitas paginas. Obra approvada pelo Ex.mo Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.mos e Rev.mos Snrs. Arcebispos de Braga, Goa e Mytilene e Bispos de Vizeu, Angra, Funchal e Lamego.

2 grossos vol. a 2 columnas—2$400 réis